

SUJEITOS ESCOLARES E RELAÇÕES SOCIAIS NO COTIDIANO: UM OLHAR PARA A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NA ESCOLA.¹

Katury Rayane Rodrigues Ramos*

RESUMO: O ambiente escolar é vivenciado em torno de ausências de ferramentas que favoreçam a proximidade entre professores, alunos e núcleos gestores, pois esses sujeitos escolares balizam suas práticas em torno da esfera que ampliam os conflitos fundamentalmente atrelados a uma cultura punitiva. As funções exercidas por esses sujeitos, desse modo, demonstraram uma defasagem no sistema de ensino e com isso um clima escolar de negatividade exercido por meio de relacionamentos conflituosos no ambiente escolar. A falta de mecanismos e técnicas que visualizem os conflitos em suas complexidades como as causas e possíveis prevenções dos problemas escolares são vividos em torno de aulas realizadas de forma mecânica, indisciplina dos alunos e relações autoritárias de poder. O conflito é visto apenas sob a esfera de negatividade e as tentativas de soluções são feitas com punições tradicionais, porém a possibilidade de reconstrução das relações é vista por meio de ferramentas trazidas pela mediação de conflitos escolares que promovem um melhoramento dessas relações conflituosas. Objetivo desse artigo é analisar as influências que as relações sociais entre os sujeitos escolares, geralmente conflituosas, exercem nas percepções e predisposições destes e que ações e experiências mediam ou não tais conflitos.

Palavras-chaves: sujeitos escolares, conflito e mediação escolar.

Abstract

The school environment is experienced around tools absences favoring closeness between teachers, students and centers managers, as these school subjects guide their practices around the ball that amplify conflicts fundamentally linked to a punitive culture. The functions performed by these subjects, thus demonstrated a gap in the education system and that a school climate of negativity exercised through conflituosos relationships at school. The lack of mechanisms and techniques to visualize the conflicts in its complexities as possible causes and preventions of school problems are experienced around classes held mechanically, undisciplined students and authoritarian power relations. The conflict is seen only in the sphere of negativity and attempts solutions are made with traditional punishments, but the possibility of rebuilding relations is seen through tools brought by the mediation of school conflict that promote an improvement of these conflictual relations. This article aims to analyze the influence that social relations between school subjects, often conflicting, have on perceptions and predispositions of these and actions and experiences or not mediate such conflicts.

Keywords: school subjects, conflict mediation and school.

¹ Este artigo é resultado da pesquisa realizada no trabalho de conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais da autora pela Universidade Estadual do Ceará-UECE.

* Licenciada em Ciências Sociais pela UECE e Mestranda no Mestrado Acadêmico em Sociologia do Programa de Pós-graduação da UECE. Email: katuryrayane@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A escola pública brasileira encontra-se inserida em torno de práticas de violências múltiplas vivenciadas e muitas vezes naturalizadas no cotidiano dos escolares. As relações sociais são exercidas pelos sujeitos escolares sendo os professores, alunos, núcleo diretivo e outros profissionais, em torno de um ambiente que revelam ausências em relação à busca de uma reconstrução dos relacionamentos exercidos em torno de uma defasagem geral do sistema de ensino que revela relações autoritárias fundamentada em punições, práticas indisciplinadas, expulsão de alunos e etc... Desse modo, o objetivo desse artigo é investigar as influências que as relações entre os sujeitos escolares, geralmente conflituosas, exercem nas percepções e predisposições destes sujeitos e que ações e experiências mediam ou não tais conflitos.

As reflexões trazidas nesse artigo são frutos do meu trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará. As principais ferramentas de apreensão das peculiaridades escolares, bem como o estabelecimento do foco da pesquisa, se constituíram por meio de ações e observações realizadas durante minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/PIBID Sociologia-UECE². As problematizações são norteadas pelos seguintes questionamentos: Quais as influências que as relações conflituosas entre os sujeitos escolares exercem nas percepções dos mesmos? Quais são as ações e experiências que mediam esses conflitos?

A pesquisa situou-se dentro do ambiente escolar, mais especificamente em busca da compreensão de como se instituem as relações entre os sujeitos escolares, seus conflitos e consensos relacionados ao processo inerente a aprendizagem na escola.

² O PIBID é um Programa do Ministério da Educação do Brasil, financiado pela Coordenadoria de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, Diretoria de Educação Básica Presencial/DEB. A UECE concorreu ao Edital Nº 02/2009 – CAPES/DEB e foi selecionada para executar suas atividades propostas durante dois anos, iniciadas em maio de 2010, estendendo-se como fluxo contínuo. O Programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem a atuação nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o PIBID faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais.

CSOnline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 22 (2016) Jul/Dez., pp. 1-159.

Utilizei ferramentas metodológicas como: observações e exercício docente, bem como dados da pesquisa-ação³ realizada também pelo Programa, entre estatísticas e entrevistas dos grupos focais realizados nesse período. A pesquisa-ação, de uma forma geral, é uma articulação entre a teoria, prática docente e a vivência estabelecida dentro da escola, pois é uma investigação que tem como finalidade a construção do saber e de ação conjunta entre os participantes do Programa e os sujeitos escolares.

Nesse artigo faço um recorte teórico-metodológico em que trago as vivências e narrativas referentes ao processo de inserção em campo na escola Liceu Vila Velha, situada no bairro Vila Velha da cidade de Fortaleza. O estudo está atrelado à relação entre os sujeitos escolares e o ambiente de insatisfação escolar observado que revela a defasagem do sistema de ensino, bem como as ausências de estruturas norteadoras que favoreçam o equilíbrio das relações e a necessidade de superação dos conflitos cotidianos. Desse modo, faço um paralelo com as atividades proposta pela justiça restaurativa que traz a mediação de conflitos escolares que vem sendo vivenciadas em algumas escolas da cidade de Fortaleza como uma possibilidade real de lidar com os conflitos cotidianos na perspectiva de buscar uma restauração de laços entre pessoas em conflito ou com o foco na prevenção dos mesmos.

1. ATIVIDADE DE PESQUISA: VIVÊNCIA NA ESCOLA LICEU VILA VELHA

A escola Liceu Vila Velha situa-se no estado do Ceará. Localizada no bairro Vila Velha da cidade de Fortaleza atende uma demanda do bairro em que se localiza, bem como outros bairros adjacentes. As observações e vivência do cotidiano nessa escola se deram durante minha atuação como bolsista do PIBID durante os anos de 2010 até janeiro de 2014. As atividades de iniciação a docência, com a prática docente, bem como a vivências de situações próprias do cotidiano trouxeram algumas inquietações e reflexões que demonstram que as relações sociais estabelecidas entre os sujeitos escolares dentro da escola vinculam a prática de reprodução de situações de conflitos com relações autoritárias de professores para com alunos, violências simbólicas em torno daquilo que seja um aluno-problema, a estigmatização de um potencial aluno opressor, práticas educativas de punições, indisciplina, entre outros.

³ Pesquisa-ação presente no Relatório de atividades disponível em: [file:///C:/Users/CASA/Downloads/RELAT%C3%93RIO_ANUAL_2010_PIBID_UECE%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/CASA/Downloads/RELAT%C3%93RIO_ANUAL_2010_PIBID_UECE%20(1).pdf).
CSOnline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 22 (2016) Jul/Dez., pp. 1-159.

Dessa forma, o cotidiano escolar é exercido sob a permanência de conflitos que vão da esfera implícita a explícita.

O ambiente escolar em estudo mostra que os sujeitos escolares perpassam pela zona de normalização da estrutura defasada de ensino e as funções exercidas por eles estão sendo realizadas em uma vertente negativa do que é esperado, já que o que se vê são professores, no exercício da docência, desmotivados e articulando sua prática de forma insatisfatória, alunos descompromissado com o conhecimento e um núcleo gestor alheio às questões reais da esfera de conflitos.

Nessa atmosfera em que o hábito das ações se torna um conhecimento adquirido e por sua vez incorporado é importante se tecer investigações no campo dos significados para cultura e clima escolar *in loco* as práticas exercidas dentro do espaço escolar. Desse modo, o entendimento do sentido cultural das ações é realizado com um direcionamento imprescindível das ações e funções exercidas pelos sujeitos escolares compondo a base estrutural das relações sociais observadas. A cultura é o que vai orientar as ações através das diretrizes comuns tomadas como normativos do sistema em estudo, que muitas vezes assumem campos de disputa para fundamentar a regra geral a ser seguida.

Esse campo é a vivência das relações práticas em exercício, em que a zona de poderes e submissões de um grupo social pelo outro, no caso professores e núcleo gestor para com alunos se torna normativa no momento de sua naturalização. Paralelo a essa estruturação vem à noção de clima escolar que é resultado das ações vivenciadas no ambiente escolar que assume o reflexo do contexto social nesse local.

Em todos esses casos, o conceito “clima escolar” expressa algo sobre os sentimentos gerados pelo conjunto de relações entre membros das instituições e os seus alunos, e entre todos aqueles que convivem num ambiente escolar, caracterizando-se como exemplo dos possíveis efeitos do contexto social da escola nos processos de socialização. Tais estudos mostram, assim, como as escolas constroem marca própria que as distingue das demais, e que, ao ser incorporada pela experiência, fixa-se como segunda natureza, na formação, na representação e na prática social daqueles que ali passaram alguns anos de vida, como professores ou como alunos. (ZAGO, 2011, p.116).

O clima escolar, desse modo é um construto social que é incorporado pelas suas redes de significações que vão cumprir o papel social vinculado as práticas exercidas dentro do ambiente escolar em estudo. Isso oferece as bases de investigações dos relacionamentos exercidos pelos sujeitos escolares dentro do ambiente da escola, que

perpassam por zonas de acordos e desacordos dependendo da situação, do grupo social ao que se direciona ou é direcionado e do contexto social de estabelecimento. As análises dessas relações são vistas e estudadas por meio de alguns gráficos advindos da pesquisa-ação, que vão explicitar o tipo de relacionamento exercido pelos sujeitos escolares, estes alunos, professores e núcleo gestor (direção).

A pesquisa-ação foi desenvolvida em processo e realizada conjuntamente entre os envolvidos compondo um processo educativo e participante como aponta o autor Thiollent (1997). Desta feita, articula teoria e prática, busca a compreensão e resolução de problemas levantados planejam instrumentais de investigação articulados com a geração de ações propositivas e almeja a intervenção, de alguma forma, no campo pesquisado. Neste papel, todos somos sujeitos e objetos da pesquisa, participamos de todas as fases da pesquisa.

É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2004, p.14).

A proposta da pesquisa-ação, com a ação explícita de todos os segmentos envolvidos no campo de estudo, nos oferece uma análise complexa da realidade escolar. Assim, pensando a problemática da pesquisa-ação proposta pelo PIBID, consideramos alguns aspectos fundamentais da realidade escolar que compõem o equipamento empírico para definição do objeto de pesquisa sendo estes as relações entre: a Escola e o Estado, a Escola e os alunos, a Escola e o Núcleo Gestor que a compõe e, ainda, a Escola e o seu corpo docente.

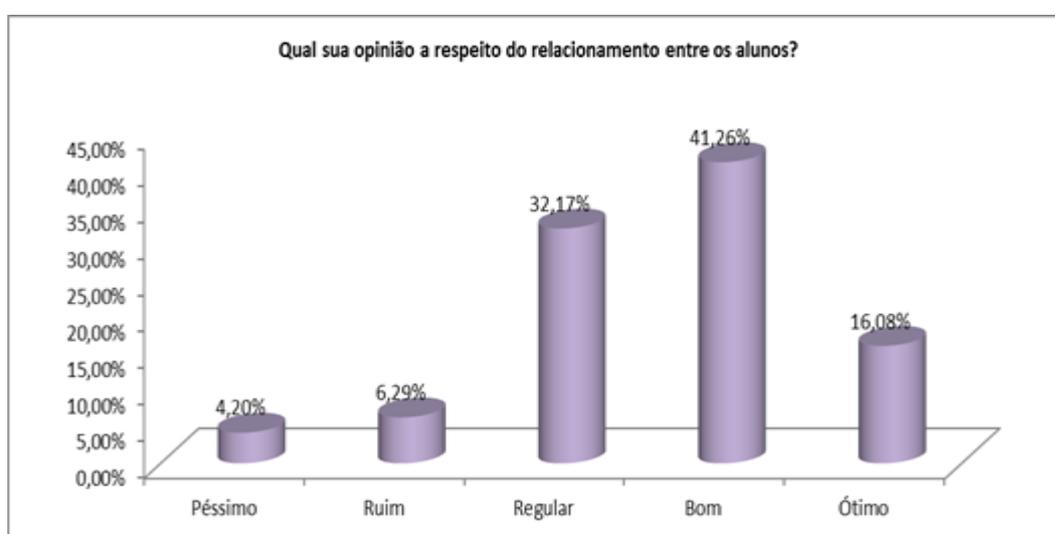
A pesquisa participante, outra definição diante da sua fundamentação processual, preza por uma abordagem do real que se propõe a ação, orientada por princípios claros: análise sobre a sociedade na perspectiva de mudanças sociais; pressupostos metodológicos que eliminam a dicotomia sujeito e objeto e concebe a ética do conhecimento e ciência que contribui com transformações da realidade; participação dos sujeitos envolvidos pesquisadores da universidade e sujeitos da escola em todas as fases do processo como: planejamento, execução e avaliação. Desse modo, o processo da pesquisa já é um produto na medida em que a pedagogia da participação é um aprendizado. Os grupos focais também foram uma técnica utilizada, que estão ligados à

fundamentação atrelada a diálogos e conversas estabelecidos dentro de um grupo específico, ora professores, ora alunos.

A metodologia empregada nesta pesquisa parte de dados da pesquisa-ação com a utilização dos questionários que foram realizados com os alunos da escola Liceu Vila Velha, neste aspecto apenas as questões e gráficos referentes aos relacionamentos entre alunos, professores e núcleo gestor. Foram analisados depoimentos de estudantes dos grupos focais, ressaltando que houve dois grupos, sendo um realizado com alunos e outro com professores, que revelam aspectos importantes sobre os relacionamentos entre os sujeitos escolares. A observação participante foi construída deste a entrada na escola com as ações próprias da docência, por meio da ministração de aulas de Sociologia, bem como a participação no cotidiano da escola com outras atividades.

1.1 Estudo sobre os relacionamentos entre os alunos.

O primeiro gráfico em estudo é aquele que oferece o tipo de relacionamento entre os alunos da instituição. Este demonstra de uma forma geral que os relacionamentos são positivos, pois o tipo “bom” representa 41,26% da amostragem, com uma significativa representação de “regular”, com 32,17%.



Fonte: Dados da pesquisa-ação desenvolvida pelo PIBID Sociologia- UECE

Isso representa que o clima existente entre o corpo discente da instituição é harmonioso e que os alunos vivem uma dinâmica que mostra uma esfera amistosa de

relações. Contudo, pode-se observar que em algumas conversas com os alunos essa realidade aponta outro caminho e bem mais diferente do que é colocado pelo gráfico. Como exemplificação da realidade em observação e com o intuito de aproximação e confronto do real percebe-se que, nas falas dos alunos nos grupos focais, realizados também no momento da pesquisa-ação, há contradição em relação a essa harmonia das relações, como mostra o trecho a seguir: “Não, o relacionamento é legal, mas assim, quando chega a SECIAC [todos concordam], assim o terceiro ano sempre é rival do primeiro, assim, só porque a gente é novato e a gente desce e não dão nem moral.” (Grupo Focal alunos). Com essa fala se percebe rivalidades existentes entre os alunos de séries diferentes.

A SECIAC (Semana de Ciência, Arte e Cultura) é um momento peculiar vivenciado pelos sujeitos escolares. Trata-se de uma festa temática em que os alunos agrupados em suas turmas expõem o tema proposto pela escola e participam de gincanas que são atreladas aos pontos que servem para um grupo vencer ou perder. A Semana revela alguns interessantes que vai delinear um ambiente almejado e esperado por todos durante o ano e também em alguns momentos torna-se conflituoso e impera disputas implícitas ou não, pois além do caráter das notas a busca pelo capital simbólico diante da escola, ou seja, da obtenção do carisma que a instituição assume naquele momento, para os alunos, levando-os à pensar o ano todo sobre a festa da SECIAC, que está no calendário da escola e condiciona boa parte dos estudantes a participarem, expondo trabalhos e participando das atividades.

A festa condiciona uma maneira muito forte para carisma que a instituição tem diante dos alunos, transformando-a num capital simbólico muito bem aceito pelos atores sociais observados, apesar de não ser toda instituição que se envolve, mas a festa consegue estimular este sentimento. A questão é que a festa mobiliza financeiramente e simbolicamente os estudantes, levando-os a sair da condição diária da carência e imobilidade para a condição de guerreiros que saem em busca de construir autonomamente economias e trabalho para gastarem com ambientação, vestimenta, objetos e tantas outras atividades para retratar a temática da Semana. A rotina entre os sujeitos escolares é assim motivada através da composição de que os alunos demonstram um desempenho enorme, como dito no grupo focal dos alunos: “ajuda muito na nota e a SECIAC, é diversão, é negócio de curtir, negócio de gritar”.

O ambiente de cooperação proporcionado pela SECIAC também é um momento de disputas e rivalidades para se chegar às notas mais em destaque. Isso é estimulado como incentivo a execução de trabalhos melhores, mas a disputa e a busca pela melhor colação geral na escola gera um clima opressor que em muitas vezes chega a rivalidades de embates físicos entre os alunos fora do ambiente escolar, como relatado no grupo focal: “é que o encerramento foi de manhã os dois turnos tarde e manhã foi na quadra aí nós ganhamos, aí ficou os dois segundos e os dois primeiros “tudo” esperando a gente lá na porta pra poder brigar”. Desse modo, observa-se que em determinados momentos o clima amistoso é substituído por embates sérios que precisam ser repensados se proporcionam realmente aprendizagem e como isso acontece verdadeiramente.

1.2 Estudo sobre os relacionamentos entre alunos e professores

Outro aspecto também em estudo é a relação existente entre professores e alunos na escola que, de acordo, com os gráficos esse relacionamento é de 53,85% bom e 29,37% ótima. Nesta perspectiva, somando-se bom e ótimo, temos que a maioria (83,22%) aponta positivamente para o bom relacionamento com os professores, relevância em torno da harmonização escolar, já que apenas 2,80% classificam como ruim e 0,70% como péssima. Percebe-se que o clima é satisfatório, porém não é suficiente para compor a realidade em observação no cotidiano da escola. A seguir a composição do gráfico:



Fonte: Dados da pesquisa-ação desenvolvida pelo PIBID Sociologia UECE

Assim, é necessário fazer uma relação com as falas articuladas pelos grupos focais tanto de professores e alunos, que vão compor outros direcionamentos distintos em contraposição aos vistos pelos gráficos. O que se vê nas falas dos alunos é que na concepção deles os professores estão exercendo sua prática de forma desinteressada bastando observar a ausência de professor e o atraso na chegada à escola, como também práticas autoritárias que não surtem o efeito desejado. Já para os professores as aulas não são realizadas com sucesso por causa da indisciplina dos alunos.

A problemática da indisciplina dos alunos é uma premissa peculiar que está presente nas falas dos professores e alunos que vai compor um ambiente insatisfatório para aprendizagem. A desmotivação dos professores é explícita e revela a própria defasagem no ensino que gera uma espécie de mal estar escolar, como nos mostra a seguir:

Esse é um dado alarmante que tem chamado a atenção de muitos, desde a esfera governamental até a do cidadão comum, passando pelos profissionais da educação. Poder-se-ia dizer, inclusive, que há uma espécie de "mal-estar" pairando sobre a escola e o trabalho do professor hoje em dia. A própria imagem social da escola parece estar em xeque de tal maneira que os profissionais da área acabam acometidos, por exemplo, de uma espécie de falta aguda de credibilidade profissional. (AQUINO, 1998, p. 2).

Outro aspecto ainda nessa investigação são as falas dos alunos que assumem a prática da indisciplina e questiona as formas tradicionais de punições normatizados pela escola.

Tem indisciplina, mas aí a professora quer levar pra coordenação, mas quando chega lá não acontece nada, eles chegam na sala e agente pergunta e eles

dizem, deu em nada, só senta lá e conversa com o coordenador e vir embora, por que não acontece nada, ou então recebe um papel só entra com autorização, a mãe assina, ou então eles mesmos assinam pela mãe e entram. No ano passado era pior. (Grupo Focal alunos).

Aqui é importante observar que as formas de lidar com esse fenômeno já estão em descrédito, pois não propõe a solução. Há uma clara demonstração que é necessário repensar as formas de articulação do problema e como isso delinea os obstáculos para o trabalho docente e a aprendizagem de uma forma geral, pois as aulas que são vivenciadas nem sempre possuem o mesmo aproveitamento.

O aluno-problema é tomado, em geral, como aquele que padece de certos supostos "distúrbios psico/pedagógicos"; distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva (os tais "distúrbios de aprendizagem") ou de natureza comportamental, e nessa última categoria enquadra-se um grande conjunto de ações que chamamos usualmente de "indisciplinadas". Dessa forma, a indisciplina e o baixo aproveitamento dos alunos seriam como duas faces de uma mesma moeda, representando os dois grandes males da escola contemporânea, geradores do fracasso escolar, e os dois principais obstáculos para o trabalho docente (AQUINO, 1998, p.2-3).

Esse clima favorece as percepções e predisposição em contraposição com a aprendizagem real em que o ambiente das relações sociais é realizado de forma desinteressada e constitui barreiras para a ação profissional do professor que, em muitos, aspectos é realizada de forma mecânica e não favorece a aprendizagem dos conteúdos até porque os motivos reais que demonstrariam a origem dos problemas, não são vistos e nem questionados pelos sujeitos escolares, como mostra uma das falas dos professores no grupo focal:

Eu compartilho de muito com o que vocês têm colocado até porque eu também sou professor e vivencio muito da angústia que vocês têm, mas eu acho que existe uma coisa que deveríamos pensar também o porquê dessa indisciplina antes mesmo de pensar como se resolver isso, por que esse desinteresse dos alunos pelos conteúdos, pela escola, porque pelo que vocês dizem eles gostam da escola, mas eles não demonstram esse interesse de estar na escola em si. Assim por que será isso, tem o desinteresse, tem a indisciplina então é uma questão que agente poderia pensar. (Grupo focal professores).

O reconhecimento da existência da indisciplina é a esfera das relações exercidas, mas a busca por formas alternativas que tratem esse aspecto negativo constitui uma exceção, visto que o imaginário é tomado apenas pelo viés da negatividade das ações em exercício e o descrédito é tomado como algo naturalizado no ambiente, revelando a

ausência de possibilidades que promovam um redirecionamento para o exercício das relações entre os sujeitos escolares. Dessa forma, a indisciplina é um fenômeno recorrente nas discussões entre os sujeitos da escola. A indisciplina se manifesta de diversas formas, da simples desobediência ou recusa de realizar atividades à desordem, às brincadeiras graves, que, às vezes, podem se transformar em delitos. Contudo, estes mesmos sentidos e atitudes relacionadas à escola e seus sujeitos há que serem mais bem refletidos do ponto de vista das razões que condicionam o desinteresse e a indisciplina em suas variadas formas. Apesar do desinteresse, muitos alunos permanecem na escola, porque esta ainda representa um valor socialmente reconhecido, imprimindo uma marca positiva naqueles que nela permanecem inseridos.

No grupo focal dos alunos, também houve críticas na medida em que os alunos apontavam alguns professores que faltam, atrasam; outros que apenas cumprem a função de dar aula sem compromisso com a aula, pois percebem que o professor nem sempre planeja sua aula e chega à sala sem preparo, caindo no descrédito ao tomar algum tempo da aula falando de suas vidas, como demonstra estas falas: “os professores atrasam”; “professores tão nem aí para os alunos, passam provas que nem eles sabem responder”; “alguns são autoritários, querem respeito, mas também não sabem respeitar”. A reflexão, portanto, sobre a incompreensão da indisciplina, muitas vezes relacionada à acusação sobre o aluno, quase o considerando um delinquente. Remete ao entendimento de que ela pode ser uma reação do aluno ao tipo de escola, de relações internas, de normas e de qualidade do ensino que se tem. Será uma atitude também reativa, um conflito necessário que, se bem refletido, pode gerar mudanças? Ou como afirma Aquino (1998, p. 6) “uma necessidade legítima de transformações no interior das relações escolares e, em particular, na relação professor-aluno”.

Nessa esfera de indagações é importante retratar as concepções trazidas pela teoria de Simmel (1983) em que o conflito é a substância existente nas mais diversas relações entre os indivíduos na sociedade. Assim, o construto inerente às relações sociais e a sua existência fundamenta os tipos e modos de desmembramentos das formas de articulações sociais. A composição e utilização do conflito podem possibilitar momentos de construções e destruições, quer sob as instituições, estruturas, arranjos, processos, relações e interações sociais. É um tempo socialmente especializado e promotor de indeterminadas formas sociais de expressão das relações existente entre

formas e conteúdos mencionados por Simmel (1983): “Admite-se que o conflito produza ou modifique grupos de interesse, uniões, organizações. [...] é uma forma de sociação”. Na análise simmeliana, as formas de sociação estarão embutidas de energias, entre as consideradas de acordo com Simmel (1983) “energias de repulsa que, em contato com as forças de cooperação, afeição, ajuda mútua e convergências de interesses”, produziram formas e distinções grupais. Essas estruturas, proporcionadoras de delimitações sociais, configuram os espaços sociais reservados às identidades sociais constitutivas das sociedades. As particularidades dos indivíduos aglutinados nos grupos existem nas estruturas conflituosas. Conseqüentemente, a vida social é realizada sob estas condições.

[...] uma matriz formal de tensões” estabelecendo os códigos sociais existentes no interior das próprias relações sociais. Um molde é estabelecido e propiciado pelas atitudes de: “oposição”, “aversão”, “sentimentos de mútua estranheza”, “repulsa”, “ódio”, “lutas sociais” (SIMMEL, 1983, p.127).

O entendimento dos conflitos sociais é a válvula promissora das relações sociais, pois as interações de acordo com a teoria simmeliana é uma forma de sociação entre os indivíduos e com isso os imperativos sociais são os componentes básicos existentes nas rotinas, que se expressará sob a forma de um ingrediente, indo das relações sociais – ásperas - até, às vezes, ao confronto físico. Desta maneira, produzirá arranjos coletivos e sociais derivados desta substância social impelida pelo conflito entre os sujeitos.

O próprio conflito resolve a tensão entre contrastes. [...] Essa natureza aparece de modo mais claro quando se compreende que ambas as formas de relação – a antitética e a convergente – são fundamentalmente diferentes da mera indiferença entre dois ou mais indivíduos ou grupos. (...) o conflito contém algo de positivo. (SIMMEL 1983, p. 123).

A positividade do conflito, desse modo, se expressa na possibilidade de melhoramento das relações quando se tem a oportunidade de superação na medida em que, aponta-se como sendo, não somente, um momento negativo. A contribuição positiva nele constituída seria dada pela capacidade de apresentar-se, enquanto componente necessário nas relações entre os seres sociais, um elemento de fusão o conflito existente nas interações sociais que embute a produção de diversas formas de relações sociais.

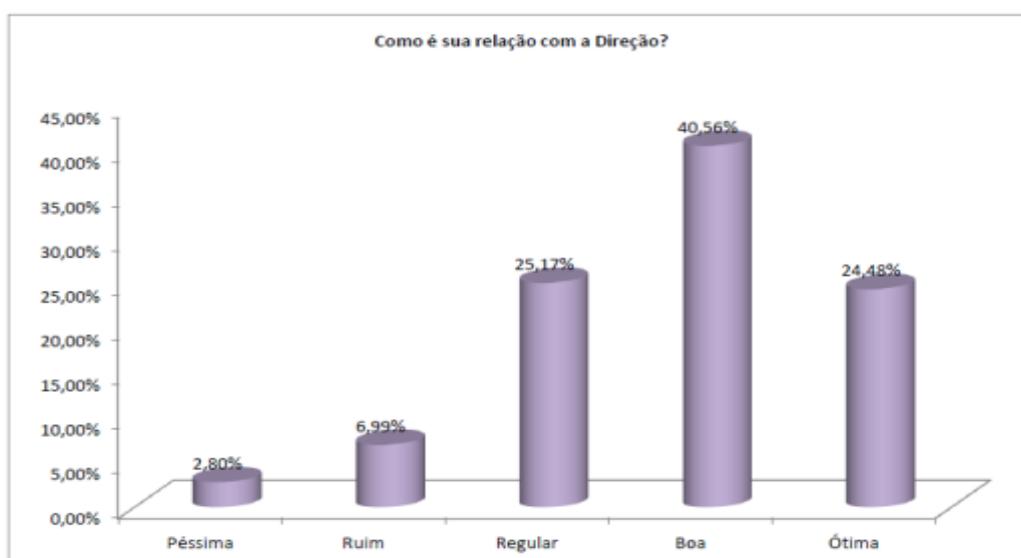
Conflito é um fenômeno normal, que existe onde existem pessoas, e não tem de ser necessariamente negativo, pois, pode representar a oportunidade de crescimento e coesão entre as pessoas, permite o desenvolvimento de capacidades sociais, uma maior capacidade de comunicação e mesmo de

autonomia. O conflito, porque se constitui e se forma a partir de pontos de vista diferentes, se bem gerido, proporciona a percepção de diferentes modos de pensar, diferentes modos de abordar a realidade, que se partilha com os outros. (JÚNIOR, 2009, p. 17).

O conflito pairando nesse ambiente de superação é uma intervenção identificada com o socialmente estabelecido que a se constituir num conteúdo, pode chegar a alterar e criar condições à existência a uma reorganização social. Assim, o conflito pode direcionar novas formas sociais em que os frutos resultantes dos seus embates gerem formas e moldagens que se reorganizam com os resultados proporcionados por eles, ou seja, o conflito é o responsável pelas novas formas, criadas nos seus embates, no seu contato com as velhas formas e com um meio interacional existente socialmente.

1.3 Estudo sobre os relacionamentos entre alunos e núcleo gestor

Outro tipo de relacionamento também colocado sob o viés de investigação é o relacionamento dos alunos com a direção ou núcleo gestor da escola. No gráfico a seguir constam 40,56% dos que afirmam ter uma boa relação com a direção da escola e 24,48% apontam relacionamento ótimo. Somando esses dois resultados obtêm 65,95% que revela mais da metade da aferição, mas o dado significativo aqui é em relação ao item regular, que apresenta 25,17% dos respondentes, demonstrando significação nesta resposta. Essa significação vai ter correspondência nas falas dos alunos no grupo focal em que aspectos pertinentes a essa dinâmica serão demonstrados.



Fonte: Dados da pesquisa-ação desenvolvida pelo PIBID Sociologia- UECE

O detalhamento, mediante as observações *in loco* e os grupos focais, direciona a análise de forma qualitativa e aprofundada da realidade escolar em que as falas nos diálogos realizados pelos alunos mostram a falta de incentivo ao ensino por parte da direção. Diante da ausência das figuras da direção, pois nas falas dos alunos quase não vê a presença na escola, então tudo parece bom, como afirmou uma aluna: “Fica aquela relação, a direção não está na escola, não está fazendo cobranças pedindo disciplina, então tá bom”. (Grupo Focal Alunos).

As investigações também partem das observações realizadas dentro do cotidiano escolar que demonstram a falta de diálogo realizado entre direção, professores e alunos, pois as atividades e calendários são colocados sem uma premissa anterior de fundamentação entre os sujeitos escolares. Um exemplo é a Semana Pedagógica realizada pela escola em que na teoria é para ser um momento de confecção conjunta das atividades, mas na realidade é imposto pela direção sem uma adequação prévia. Não há um espaço de sugestão ou melhoramento das atividades feitas entre pares, pois a gestão da escola não oferece a possibilidade de intercâmbio, como menciona um dos professores no grupo focal:

[...] eu fico só ouvindo, se eu chegar aqui “gente eu queria melhorar aqui assim, pra melhorar a sala de aula”. Ai as pessoas vêm é com pedra pra cima de mim, como aconteceu ano passado. “isso é um absurdo! Ah isso não pode não, eu não vou fazer isso não”. Então a realidade daqui, qual é, a coordenação vai para um lado, um grupo de professores pro outro, outro grupo pro outro, não meu amigo! Então, aqui pode passar mais 50 anos, aqui não muda, o universo Liceu não muda. [...] (Grupo focal professores).

Dessa forma, o que se observa é realização das atividades feitas por meio do conformismo e sem um diálogo entre os envolvidos compondo uma ambientação negativa que vem assumindo uma normatização de uma estrutura defasada de ensino que possuem consequências drásticas na vida dos sujeitos envolvidos. Os alunos possuem o imaginário de que não há o comprometimento real com a educação, pois a direção e os professores estão ausentes; os professores estão desacreditados com a instituição e com a própria função em desempenho; a direção continua exercendo práticas de manutenção da normatização da defasagem. Isso mostra a esfera de dominação simbólica existente usada pelo grupo socialmente aceito como fundamentador das ações em relações aos outros grupos sociais dentro do ambiente escolar.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribui para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados. (BOURDIEU, 2011, p. 11).

Esse o estudo retrata a dominação de um sujeito escolar sobre outros feitos com base no clima escolar que parte de pressuposto adquiridos pelo *habitus* diferenciados que muitas vezes colocam em disputas os grupos sociais e em ambiente de dominação simbólica de um sujeito escolar sobre os outros. Neste sentido, observei que a atitude da direção é de articulação de suas práticas com a manutenção e contenção de professores e alunos. É importante salientar que a dominação é feita de diversas formas, ora de forma explícita, com punições tradicionais, como discussão com professor e suspensão de alunos, ora de forma implícita, como proibições dentro da escola dos alunos utilizarem os espaços dos bebedouros e banheiros no horário das aulas, sendo permitido apenas no intervalo da escola.

O simbolismo da violência está presente quando não há a possibilidade de questionamento ou qualquer reação que conteste as determinações. Um exemplo básico foi a falta de grêmio estudantil na escola nos momentos de observações e participação no PIBID. A falta de interesse da direção em promover esse ambiente de participação e conscientização política ficou nítida, como também a falta de conhecimentos dos alunos das atividades reais desempenhadas por um grêmio, pois nas falas e conversas feitas informalmente este seria apenas um organizador de festas dentro da escola. A questão, desse modo, é ausência das possibilidades de mudanças que não encontram espaços de melhoramento e superação, como nos diz Sennet (2001) “aquilo em que as pessoas se dispõem a acreditar não é uma simples questão da credibilidade ou legitimidade das ideias, regras e pessoas que lhes são apresentadas. É também uma questão de sua própria carência de crer”. Desse modo, a manipulação em torno da falta de informações sobre um tema se torna uma estratégia de não ação trazendo a esfera de carência de conhecimentos perante o núcleo discente da escola e conseqüentemente a falta de instrumentos mobilizadores de mudança.

A estrutura é assim colocada sob um viés que mostra uma reprodução da falta de contestação dessas atividades, pois não há um espaço em que seja proporcionado o

grêmio, por exemplo. O exercício do autoritarismo parece ser o naturalizado entre os sujeitos escolares como um todo, ao invés de compreender a necessária relação de autoridade para a convivência da gestão com a população escolar. A autoridade é, para Sennet (2001, p.33), “uma tentativa de interpretar as condições de poder, de dar sentido às condições de controle e influência, definindo uma imagem de força. O que é uma força sólida, garantida e estável”. O problema é a extrapolação da autoridade para o autoritarismo, exacerbando a ideia de força.

A essa imagem de força que revela a estabilidade é feita com base em focos que comprometem as relações em grande escala, já que as contradições e ausências no clima escolar torna-se um pressuposto das reações. Os sujeitos escolares em estudo estão, assim, situados em uma esfera que impede a realização das suas funções visto que a atmosfera escolar possui contornos deficitários que estimulam a propagação de barreiras para a configuração básica do comprometimento real dos profissionais em torno da educação e da aprendizagem.

A promoção de significação social entre sujeitos escolares é realizada em torno de espaços que demonstram ausências de ferramentas que favorecem a superação de situações e problemas tomados no cotidiano da escola. Aferição da realidade, portanto, demonstra que é na vivência e nas observações *in loco* que ocorre uma aproximação com a prática em exercício dos relacionamentos entre os sujeitos escolares colocando em contraposição e em contradição respostas adquiridas pelos questionários e gráficos, advindos da pesquisa-ação do PIBID, anteriormente, citados.

2. Reconstrução do ambiente escolar: mediação de conflitos

2.1 Conceituações gerais

A mediação de conflitos trabalhada no ambiente escolar parte da perspectiva de prevenção e melhoramento de possíveis conflitos estabelecidos entre os sujeitos escolares atuantes nos processos inerentes ao ambiente em estudo. Para essa finalidade é necessária a conceituação mais específica do que se trata essa ferramenta metodológica de possibilidades de mudanças do contexto conflituoso nas escolas. Dessa forma, a existência de pessoas em situação de conflitos é algo inerente à vida social. Porém, quando exacerbam estas relações, proporcionando desajustes no clima escolar, a existência concomitante de uma metodologia de mediação de conflitos é fundamental.

Na prática consiste na criação de um ambiente propício ao diálogo sobre sentimentos e necessidades dos sujeitos em conflito para que falem e se escutem na tentativa de se entenderem. Tal diálogo é articulado mediante a presença de um terceiro imparcial que tem a finalidade de orientar e promover o diálogo entre as partes envolvidas no conflito. Este é o mediador que passa por um processo de formação na área possuindo essas características: imparcialidade, neutralidade, confidencialidade, confiabilidade, empatia e auto-observação. Recebe uma fundamentação teórico-metodológica sobre o processo de superação dos conflitos estabelecendo a prática da escuta ativa, de maneira que seus posicionamentos individuais são mobilizados por questionamentos aos mediados para facilitar o diálogo. Portanto, o fundamental é proporcionar a autonomia dos envolvidos, já que a busca de acordo e tomada de soluções é feita por eles e não pelo mediador. Ele é um facilitador.

Assim definida, a Mediação é uma forma de tentativa de resolução de conflitos através de um terceiro, estranho ao conflito, que atuará como uma espécie de "facilitador", sem, entretanto interferir na decisão final das partes que o escolheram. Sua função é a de tentar estabelecer um ponto de equilíbrio na controvérsia, aproximando as partes e captando os interesses que ambas têm em comum, com a finalidade de objetivar uma solução que seja a mais justa possível para as mesmas. É uma tentativa de um acordo possível entre as partes, sob a supervisão e auxílio de um mediador. Uma das grandes vantagens da Mediação é que ela pode evitar um longo e desgastante processo judicial, pois a mesma se dá antes que as partes se definam por uma briga nos tribunais, resolvendo suas diferenças de forma extrajudicial, levando ao Judiciário apenas aquelas questões que não podem ser resolvidas de outra forma. (JÚNIOR, 2009, p. 18-19).

O processo de mediação é algo realizado com a decisão espontânea dos envolvidos no conflito partindo de uma decisão individual para resolver os problemas através de uma lógica diferenciada que não pressupõe disputa ou ganhadores e perdedores. A disputa das partes em que apenas uma sai pertence ao tipo de justiça comumente utilizada, porém a construção a que está se propondo é outra vertente que aponta ao apaziguamento das relações e a uma possível restauração de laços emocionais existentes entre os envolvidos. Nesses ambientes os mediados também assumem compromissos diante da situação que é realizada por um processo de comunicação aberto em que cada parte envolvida fala sobre o problema no momento devido, respeitando a fala do outro e escutando atentamente, ao mesmo tempo em que se criam opções para a solução dos problemas assumindo as responsabilidades necessárias. Quando o desrespeito e interrupções da fala do outro se tornam fortes, cabe ao mediador

tentar restaurar o ambiente de diálogo ou, se no caso, não conseguir, adiar ou concluir a mediação. Nem sempre os envolvidos se mostrarão receptivos a esta metodologia.

O processo de mediação cria uma oportunidade para que as pessoas expressem suas emoções e esclareçam seus sentimentos. Depois de resolvida a confusão emocional, ou conflito de ordem subjetiva, as partes podem dedicar-se às questões objetivas ou quantificáveis e negociar, ficando mais simples e fácil encontrar as soluções que atendam a todos. (ALMEIDA, 2009, p.70).

Nessa esfera de investigação é importante ressaltar os tipos ou modelos de que mediação existente, em que, em determinados momentos, se têm o foco no acordo a ser firmado entre as partes envolvidas, possuindo um nome mais específico sendo mediação satisfativa, e o outro tipo está fundamentada na relação, tendo o nome de mediação circular-narrativo e transformativo. O primeiro modelo está baseado na primazia do problema concreto e buscam o acordo como imediato. Já no segundo se tem a priorização na transformação do padrão estabelecido nas relações articulados por meio da comunicação, da apropriação e reconhecimento. As mediações focadas nas relações é a indicada para o ambiente escolar que parte do pressuposto de que os conflitos a serem melhorados são estabelecidos entre pessoas que mantêm relações de proximidade e continuidade.

As mediações focadas na relação obtêm melhores resultados nos conflitos entre pessoas que mantêm relações permanentes ou continuadas. A sua natureza transformativa supre uma mudança de atitude em relação ao conflito. Em vez de se acomodar a contradição para a obtenção de um acordo, busca-se capacitar os mediandos em suas narrativas, identificar as expectativas, os reais interesses e necessidades, construir o reconhecimento, verificar as opções e levantar os dados de realidade, com vistas, primeiramente, à transformação do conflito ou restauração da relação e só depois, à construção de algum acordo. (JÚNIOR, 2009, p.32).

A mediação de conflitos na esfera escolar se dá pela adequação no sentido de que é necessária a sensibilização temática de todos os sujeitos escolares nessa nova perspectiva que propõe uma superação de práticas tradicionais de punição no ambiente escolar que, na realidade, causa distanciamento entre os envolvidos.

Os programas de mediação de conflitos tiveram origem fora do contexto escolar, mas, rapidamente, o modelo foi adaptado às instituições educativas. Abordar as disputas escolares, através da mediação, origina um contexto em que o conflito é encarado como natural, o que permite protagonismo aos alunos, ao mesmo tempo em que os valores da solidariedade, tolerância e igualdade são estimulados. (ALMEIDA, 2009, p.78).

Nesses programas se tem os serviços de mediação nas escolas para resolver conflitos entre estudantes/estudantes, estudantes/professores, estudantes/ núcleo gestor e professores/ núcleo gestor. A capacitação dos sujeitos escolares se torna uma ferramenta de suma importância para as ações desenvolvidas nesse sentido. Desse modo, alunos e professores tem a possibilidade de exercer dentro do ambiente escolar a função de mediadores, pois um professor treinado pode mediar disputas entre alunos, professores e pais, por problemas de trabalho, de disciplina, dentre outros. Um aluno treinado pode mediar, entre colegas, disputas causadas por mal-entendidos, brigas, agressões, ameaças, roubos e outros desentendimentos.

O processo de implementação do programa de mediação nas escolas acontece em fases, sendo que as movimentações iniciais se dão através da realização de palestras e seminários destinados nesse primeiro momento para professores e direção da escola com o intuito de sensibilização para o tema que propõe um redirecionamento de perspectivas em torno de situações conflituosas desvinculando a ideia de punições, que é o usualmente utilizado e trazendo a ferramenta dialógica como possibilidade de mudanças.

Constituindo como outra fase do processo de adesão à perspectiva trazida pela mediação de conflitos é exatamente sessões de esclarecimentos para o corpo docente em geral da escola, bem como as organizações educativas como associações de pais, existentes dentro da escola com a finalidade de informar ao maior número de entes que participam do processo educativo.

Outra fase decisiva é a capacitação do corpo docente sobre os principais temas trazidos pela mediação, com base na realização de um curso relacionado ao tema específico de solução de conflitos na perspectiva de treinamento sobre o assunto.

A incorporação de aulas para os alunos é outro momento na composição atrelado a mediação em que estas têm os temas relacionados à perspectiva de solução de conflitos e sua base metodológica parte da participação dos alunos como atores do processo. A aula gira em torno de alguns princípios básicos sendo estes: cooperação, comunicação, tolerância, expressão positiva das emoções e a resolução de conflitos. Assim, a composição das aulas gira em torno da pacificação de possíveis conflitos tornando os alunos sujeitos do processo no protagonismo das situações e possibilitando a análise crítica das situações vivenciadas por cada um deles dentro do ambiente

escolar, além da busca pelos aspectos positivos dos conflitos em um ambiente de reciprocidade e dinamismo.

O próximo passo para a adequação do projeto é a sensibilização dos alunos para a capacitação em mediação e a formação de alunos mediadores no ambiente escolar. Isso se dá através de uma seleção que detecta aqueles alunos que sentem uma aproximação com a temática e demonstraram boa capacidade de administração na solução de conflitos feitos nas aulas específicas com tema. Posteriormente, acontece o curso de formação de mediadores estudantis.

O passo final é exatamente a implementação do programa com os termos de compromissos firmados pelos mediadores escolares, estes professores e alunos formados pelo Curso de mediação escolar, bem como o atendimento de casos feitos dentro da escola. Para a manutenção do programa é necessária a supervisão feita através de reuniões quinzenais entre os fomentadores do processo.

A implantação de programas de mediação na escola acarreta, sem dúvida, uma mudança nas relações de poder, vigentes no modelo hegemônico, o qual dicotomiza as relações entre professor e aluno, caracterizando o que ensina como o sujeito do saber - detentor do conhecimento - e o que aprende como o objeto da aprendizagem - depositário do conhecimento (ALMEIDA, 2009 apud VÉZZULA, 2005; SCHVARSTEIN, 1999).

O programa de mediação escolar, desse modo, está em vistas de um redirecionamento das posições vivenciadas pelos sujeitos escolares que passaram por um processo diferente do que se é normalmente estabelecido se oportunizando as vias de uma aprendizagem que se baseia na busca pela positividade dos conflitos. Trata-se de uma experiência de uniformização da esfera educacional com o protagonismo juvenil e dos professores em ação, vistas pela ótica da mediação escolar que propõe a superação e mudanças sociais estimuladas pela noção da pacificação dos conflitos estabelecidos dentro do ambiente escolar.

2.2 Experiência inicial na mediação escolar

Na cidade de Fortaleza a mediação escolar encontrou forte fundamentação por meio de um projeto piloto fundado com as parcerias de três entidades que perceberam a necessidade de implementação da mediação de conflitos em algumas escolas públicas da cidade. As entendidas responsáveis por essa iniciativa foram o Ministério Público do estado do Ceará, Terre des hommes Lausanne e a Secretária de Educação do Estado do Ceará.

O principal fundamento para existência desse projeto piloto em mediação foi à questão de vulnerabilidade social encontrada em algumas escolas e os altos índices de violência nesses espaços. Dessa feita essa é a justificativa para a seleção de poucas escolas para a fundamentação do programa de mediação, sendo uma experimentação em torno dessa demanda, no entanto a ideia é a implementação em todas as escolas da cidade de Fortaleza.

As atividades relacionadas à mediação escolar aconteceram durante o ano de 2013, com a continuação no ano de 2014 e 2015. As principais escolas que destinei a minha participação e atuação foram: EEFM Luíza Távora localizada na Rua Caneca, 379, no bairro Jardim das Oliveiras; EEFM Padre Guilherme Waessen localizada na Rua Boa ventura, 916, bairro Dias Macedo; EMEIF José Ramos Torres de Melo localizada na Avenida Abolição, 3984, no bairro Mucuripe.

As primeiras atividades foram orientadas para a realização de visitas às escolas selecionadas no intuito de realização do diagnóstico de cada escola para obter a noção dos problemas mais frequentes enfrentados pela escola. Essas etapas iniciais foram a apresentação dos profissionais que estão no projeto, como também a informação sobre as possíveis atividades a serem desenvolvidas na instituição. Isso se deu através de reuniões com a direção e professores das escolas com a explanação de slides informativos das atividades norteadoras da mediação de conflitos escolares. Lembrar que essa etapa é decisiva para a continuação do programa de mediação, pois é o momento de se perceber se as escolas realmente têm interesse pela iniciativa e se vai ter comprometimento com todas as atividades que forem desenvolvidas.

O próximo passo para a realização do programa de mediação é a fundamentação de aplicação de questionários tanto para professores como para alunos. Esse momento tem como objetivo detectar a caracterização do clima escolar e as principais incidências de conflitos na ótica dos sujeitos escolares. Também se configura com a naturalização dos profissionais que irão oferecer os subsídios da mediação de conflitos no intuito do corpo escolar e identificar e se familiarizar com as pessoas que estão se inserindo no ambiente. É importante ressaltar que nesses primeiros contatos com a escola já se percebe o clima da instituição, que cada uma resguarda a sua peculiaridade. Faz-se necessário comentar um relato de um dos diretores das escolas que mostrou a intenção

da adequação da mediação na escola, pois na sua concepção os problemas mais incidentes vêm de uma demanda externa a escola.

É complicado tentar resolver os problemas porque os pais depositam na escola total responsabilidade da educação dos seus filhos na instituição. Ai quando o aluno chega a escola com drogas e outros problemas, só a escola tem que resolver, mais a educação familiar que deve ser o berço. (Fala da direção).

Assim, percebe-se que a preocupação da escola em geral é na solução dos problemas que são refletidos dentro da escola e que envolvem boa parte dos alunos que passam a reproduzir e motivar outros alunos na construção da esfera de conflitos dentro do ambiente escolar. A necessidade observada é uma conscientização de todos que compõe a escola em que os sujeitos escolares pertencem a todas as esferas que as compõe, sendo: professores, alunos, pais e os funcionários em geral.

O programa de mediação, desse modo, possui ferramentas que vão atuar nesse processo e uma delas que se faz necessário mencionar é a fundamentação em torno de grupos de estudos que favorecem esclarecimentos com informações atualizadas, bem como a sensibilização para temática da mediação que parte de uma ideia de desconstrução de que o conflito possui apenas o viés negativo e que desse modo deve ser apenas punido. Na visualização da mediação percebe-se o conflito de forma preventiva, como também uma perspectiva diferenciada de tratamento quando este assume esferas de violências ou até mesmo a prática de atos infracionais.

Um desses momentos de informação foi o grupo de estudo sobre conflito e violência que veio desmitificar a ideia em torno de que tudo que é conflito é violência, pois os conflitos fazem parte da existência humana e se manifesta de forma natural à medida que existem diferenças de percepção, interesses e objetivos, ocorrendo na família, na escola, instituições e comunidades. Já a violência é uma forma de exercer o poder de forma abusiva, em geral, mediante o emprego da força física, psicológica, econômica e política. O ato infracional, por sua vez, é toda conduta ilícita (crime ou contravenções penais) que tem um adolescente como autor. Desse modo, esses ambientes de grupo de estudo destinam-se para informar e esclarecer às possibilidades e ferramentas diante de temas que estão atrelados a ideia de situações conflituosas e estabelecer formas de tratamento que foge a zona permanente dos conflitos, por conseguinte tratar os conflitos como grandes potencializadores de soluções em que depende em primazia as formas de adequação dos mesmos.

Ouro momento de sensibilização é realizado com os alunos com atividades que saem da lógica normativa das aulas realizadas na instituição. A primeira mudança é romper com a estrutura de fileiras nas salas, colocando os alunos dispostos de forma circular. Isso favorece uma maior proximidade entre eles e também uma maior visualização de todos dentro dos círculos que propõe um ambiente de igualdade. Desse modo a aula passa a ser vinculada por meio da construção da escola pacífica que integra os princípios básicos de uma aula pacífica: cooperação, comunicação, tolerância, expressão positiva das emoções e a resolução de conflitos.

A aula em vista da motivação de respeito e tolerância é feita com base em temas que estão de acordo com o desenvolvimento e administração das potencialidades individuais e grupais da vida em cooperação. Um exemplo interessante visualizado foi exatamente um aluno que, diante dessas atividades circulares, passou a desenvolver conversas paralelas, mesmo participando ativamente da atividade, mais seu rendimento foi considerado insatisfatório visto que em alguns momentos desarticulava a atividade entre todos os envolvidos. Esse mesmo aluno foi chamado para conversar no intuito de saber o motivo dele ter contribuído negativamente com a atividade, mas nesse mesmo momento, ele recebeu um convite e uma tarefa de articular uma atividade dentro da escola para que sua capacidade de atrair e causar risos nos outros alunos fosse trabalhada e apresentada para a escola, sendo uma atividade lúdica. Assim, as suas potencialidades foram aproveitadas e sua capacidade protagonista vista na sala de aula tem possibilidades reais de ser reconhecida de outra forma.

Há mais atividades posteriores como a construção de um programa de mediação específico para ser aplicado em cada escola, haja vista que cada uma possui os problemas peculiares e demandas específicas para serem estudadas e possivelmente superadas. Com isso, articula-se a parte principal de cada projeto que é a formação de mediadores dentro de cada escola. Aqui é uma das grandes contribuições do projeto de mediação, de maneira que cada escola passa a ter a oportunidade de formar mediadores que vão passar por direcionamentos específicos da área através de um curso de mediação realizados pelos idealizadores do projeto. É importante ressaltar que qualquer membro da escola que tenha a afinidade pelo tema pode participar dessa formação e estes podem ser professores, alunos e até mesmo pais de alunos.

Executadas as partes de formação se faz necessária à existência de um ambiente propício para as atividades da mediação propriamente dita, que tem como exigência a necessidade de uma mesa redonda para que as atividades aconteçam. A mesa redonda é um fator essencial, pois ela garante a estrutura principal do ambiente de mediação em que as partes envolvidas nos processos podem ficar se olhando, estabelecendo um ambiente interessante para comunicação e a figura do mediador fica exatamente entre os envolvidos. Assim, a sala de mediação é algo necessário para fundamentar a participação desse mecanismo de superação dos conflitos dentro do ambiente da escola.

A manutenção das atividades de mediação das escolas é realizada através de planejamentos feitos pelos profissionais e os responsáveis pela iniciativa na escola com o intuito de manter uma supervisão das atividades, que estão sendo realizadas, como também de acompanhamento e apoio. A iniciativa, portanto, está na prevenção de conflitos e no tratamento adequado para situações conflituosas com a participação de um maior número de envolvidos no processo de educação escolar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência proporcionada pela minha participação no PIBID trouxeram as principais investigações estabelecidas nesta pesquisa. As atividades vinculadas pelo programa foram de suma importância para a minha formação na universidade e na área de licenciatura que por meio do intercâmbio entre escola pública e universidade, o exercício da profissão professor foi vivenciado. A formação docente, assim, foi articulada com as atividades de observações do cotidiano escolar e de aulas em geral, mais com o foco na disciplina de Sociologia, como também a ministração de aulas realizadas sob a supervisão do professor do programa. A maior parte da minha atuação foi realizada na escola pública Liceu Vila Velha localizada na cidade de Fortaleza-Ce.

As atividades realizadas em torno da formação docente me colocaram num ambiente de aprendizagem em que a vivência da profissão demonstra a importância da fundamentação em torno do planejamento escolar e o plano de aula. Isso proporciona a organização necessária para aulas e favorece a aprendizagem em um sentido geral, pois o professor possui uma atenção maior para o desenvolvimento da sua disciplina e demonstra comprometimento real com a aprendizagem significativa dos seus alunos.

A fundamentação do PIBID que parte da ideia da formação do professor ampliada para atividade de pesquisa é uma contribuição marcante para as atividades, pois desenvolvendo as ferramentas básicas trazidas pela observação participante compondo a realização da pesquisa-ação. Esta pesquisa foi de grande relevância, pois a partir da aplicação de questionários e a realização de grupos focais a investigação foi tomando contornos que colaborou para a fundamentação do meu problema de pesquisa deste trabalho. As relações existentes entre os sujeitos escolares demonstravam um grande distanciamento entre os mesmo e revelavam que as próprias funções desempenhadas por cada um era realizada de forma insatisfatória. Dessa forma, professores, alunos e núcleo gestor estavam em esferas que estabeleciam um ambiente de culpabilização da defasagem escolar e isso contribuía enormemente para a existência de zonas de conflitos entre eles.

Os tipos de relacionamentos exercidos entre os sujeitos escolares revelou um conjunto de ausências e falta de diálogo estabelecido em torno dos conflitos diários pertinentes ao ambiente escolar. As contradições trazidas por essa esfera de negatividade contribuía para existência de barreiras que impediam um processo de superação dessas zonas conflituosas. A mediação de conflitos, desse modo, vem como uma ferramenta metodológica que cria possibilidades de superação desse processo conflituoso dentro das escolas. Os estudos feitos em torno dos tipos de mediação, mais especificamente a mediação de conflitos escolares se torna um mecanismo gerador de mudanças dentro dos ambientes escolares.

As implementações dos programas de mediação resguardam as suas peculiaridades em que pertencem as estruturas de adequação as demandas de casa escola e que trazem consigo novos modos de tratar os problemas cotidianos mostrando os lados positivos dos conflitos. Assim, é uma reconstrução em torno da consciência de cada sujeito escolar que passam a vivenciar um ambiente mais harmônico nas relações e se torna protagonista das suas funções em exercício das ações.

O projeto piloto de mediação escolar na cidade de Fortaleza é uma ferramenta de construção em torno das experiências vivenciadas e tem o objetivo de continuação no maior número de escolas na cidade. Essa construção também pertence a minha formação, visto que a continuação dos estudos nessa área se dá por meio da pós-graduação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, S. **Avaliação das concepções de violência no espaço escolar e a mediação de conflitos**. 2009. 189f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- AQUINO, Júlio Groppa. **A indisciplina e a escola atual**. Rev. Fac. Educ. vol.24 n.2 São Paulo July/Dec. 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertraud Brasil, 2011.
- BRIDI, M. ARAÚJO, S. MOTIM, B. **Ensinar e aprender Sociologia**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CHRISPINO, A. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: aval. pol.públ. Educ**, Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007.
- FARIAS, I. SALES, J. BRAGA, M. FRANÇA, M. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Fortaleza: Realce& Indústria Gráfica Ltda, 2008.
- HANDFAS, A; OLIVEIRA, L. **A Sociologia vai à escola: história, ensino e docência**. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2009.
- JÚNIOR, Mário Toscano Uchôa. **Mediação de conflitos: direito de família**. Faculdade de Ensino Superior da Paraíba, 2009.
- LIBÂNEO, J. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5ª ed. Goiânia: MF livros, 2008.
- SENNETT, Richard. **Autoridade**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organização de Evaristo de Moraes Filho. São Paulo : Ática, 1983.
- SILVA, Ileize Luciana Fiorelli et al. **Caderno de metodologias de ensino e pesquisa de Sociologia**. Londrina: UEL; SET-PR, 2009.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1996.
- WEBER, M. **A objetividade do conhecimento nas ciências sociais**. Tradução: Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 2006.
- ZAGO, N; CARVALHO, M; VILELA, R. **Itinerários de pesquisa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.